

Resumo: Os diversos carismas e ministérios são para a Igreja fonte de vitalidade e criatividade na sua missão como sacramento do Reino. Celebrando os 50 anos do Concílio Vaticano II e dos ares de renovação e profecia que este acontecimento lançou sobre a realidade eclesial, a Vida Consagrada é convidada a empreender uma nova revisita às suas intuições originárias, presentes tanto nas fontes primitivas da comunidade cristã quanto na inspiração primeira da vida e obra de seus Fundadores e Fundadoras¹. Deste processo depende não somente a continuidade dos institutos religiosos, mas principalmente, a atualização e eficácia dos carismas no hoje da história. O artigo toma como estudo de caso a “Companhia das Filhas da Caridade”, conhecidas como Irmãs Vicentinas, desenvolvendo três pontos: 1. Memória histórica; 2. Iluminação bíblico-teológica; 3. Experiências missionárias. E conclui com “algumas provocações”.

Abstract: The various charisms and ministries are valued by the Church as source of vitality and creativity in its mission as sacrament of the Kingdom of God. Due to the celebration of the fifty years of the II Vatican Council and the atmosphere of renovation and prophetic perspectives which were launched on behalf of the ecclesial realm, a new consciousness of the state of Consecrated Life is disclosed inviting us to revise its original intuitions which are present both in the initial sources of the Christian community and in the first-hand inspirations of the life and initiatives of the founders. On the assessment of this process depends not only the continuity of the religious institutes but also the actualization and efficiency of its charisms in our age. The article takes as its basis of study the Congregation of the Sisters of Charity, known as the Vicentine Sisters, concentrating on three themes: 1st Historical retrospect; 2nd Biblical theological perspective; 3rd Missionary experience. Some provocative issues are dealt with in the conclusion.

Companhia das Filhas da Caridade: memória, carisma e missão²

*Irmãs Alecsandra David, Bernadete Valenga,
Neriuzza Franco e Raquel de Fátima Colet**

* Filhas da Caridade da Província de Curitiba.

¹ Decreto *Perfectae Caritatis*, nº 2.

² Material produzido para apresentação para exposição de relato de experiência, no XI Congresso de Teologia da PUCPR, realizado em Curitiba-PR, entre os dias 24 e 26 de setembro de 2014.



Os diversos carismas e ministérios são para a Igreja fonte de vitalidade e criatividade na sua missão como sacramento do Reino. Celebrando os 50 anos do Concílio Vaticano II e dos ares de renovação e profecia que este acontecimento lançou sobre a realidade eclesial, a Vida Consagrada é convidada a empreender uma nova revisita às suas intuições originárias, presentes tanto nas fontes primitivas da comunidade cristã quanto na inspiração primeira da vida e obra de seus Fundadores e Fundadoras³. Deste processo depende não somente a continuidade dos institutos religiosos, mas principalmente, a atualização e eficácia dos carismas no hoje da história.

Reconhecida na Igreja como uma Sociedade de Vida Apostólica e detentora de uma rica e intensa história de mais de 380 anos, a Companhia das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo assume e vive sua eclesialidade a partir do carisma que lhe é próprio: *doadas a Deus em comunidade para o serviço de Cristo nos pobres*. Este tem sido o princípio que acompanha e orienta a vida e missão das mais de 17 mil Irmãs espalhadas pelos cinco continentes, presentes em 94 países e atuando nas mais diversas frentes de ação (educação, saúde, serviço social, comunidades inseridas, missões *ad gentes*). O ideal de serviço evangélico assumido por Vicente de Paulo e Luísa de Marillac no século XVII, ao proporem uma das primeiras iniciativas de consagração vivida nas “idas e vindas” da ação apostólica, continua mostrando-se relevante frente às urgências do mundo dos pobres hoje. Da mesma forma, a Companhia é conclamada a reler os sinais dos tempos⁴, percebendo neles as respostas a serem dadas na ‘criatividade da caridade’, característica originária da ação vicentina⁵.

Com o duplo intuito de partilha da experiência missionária da Companhia, ao mesmo tempo em que possibilita um evangélico e pedagógico olhar sobre si mesma, esta reflexão se constrói em três momentos que se implicam mutuamente. 1. **Memória histórica**, abordando a experiência fundante do carisma a partir da vida e obra dos Fundadores, e do contexto histórico para o qual esse mesmo carisma foi uma resposta evangélica; 2. **Iluminação bíblico-teológica**, como releitura desta intuição originária à luz da Palavra de Deus e da reflexão teológica da Igreja, como referências para a atualidade na qual a missão

³ Decreto *Perfectae Caritatis*, nº 2.

⁴ Cf. GS 4

⁵ Documento Interassembleias 2009-2015, p. 7



se constrói e acontece; e 3. **Experiências missionárias**, sendo relatadas três iniciativas de ordem local/provincial (Casa de Acolhida São José), nacional/interprovincial e internacional (Missões *ad gentes* e situação das Irmãs em países em situação de conflito). Por fim, são elencados alguns desafios e perspectivas como apelos e interpelações, na consciência de que a missão não é um ponto de chegada ou um projeto determinado, mas o contínuo movimento de saída na busca de discernir e assumir o projeto do Reino.

1 Memória histórica

A compreensão da gênese do carisma remete às experiências apostólicas de Vicente de Paulo e Luisa de Marillac, e implica, em primeiro lugar, debruçar-se sobre a realidade da França no século XVII, percebendo como eles viveram profundamente comprometidos com a situação política, econômica, social e religiosa de sua época.

1.1 Uma realidade que interpela fé e vida

A França do século XVII tinha, aproximadamente, 17 a 20 milhões de habitantes. O número de filhos chegava a 22 por família, tendo, no entanto, um índice de mortalidade infantil de cerca de 50%. A expectativa de vida entre os pobres era entre 20 a 25 anos, enquanto que, na classe burguesa variava entre 40 e 45 anos. Pelas ruas de Paris viviam 10 mil mendigos, cerca de 23 mil famílias viviam em completa miséria e a cidade de Paris registrava uma centena de óbitos por dia.

A situação religiosa era igualmente crítica. O contexto pós-Reforma Protestante e Concílio de Trento apresentava uma polarização conflitiva entre catolicismo e protestantismo. O clero era a segunda classe social, constituindo uma grande potência que reunia 123 bispados e 15 arcebispos. Não havia menos que 152 mil igrejas ou capelas, e 40 mil conventos. Calcula-se que, em 1660, havia cerca de 266 mil eclesiásticos, 181 mil religiosos e religiosas. Importante frisar que a Vida Religiosa da época correspondia unicamente à experiência conventual.

Sob o regime político absolutista, a sociedade se encontrava dividida em três classes – nobreza, clero e povo. A grande maioria da população, cerca de 18 milhões de pessoas, formava esse terceiro estado e era marcada por uma imensa pobreza. Este povo subalimentado,



maltratado, e seguidamente agitado, não tinha a oportunidade de atingir um nível cultural elevado. Dois terços da população masculina e cerca de 90% da população feminina eram inteiramente iletrados; somente 2 ou 3 milhões da população sabiam ler ou escrever.

A situação era agravada pelos conflitos existentes na Europa. O mais expressivo foi a Guerra dos Trinta Anos (1618-1648), a qual consistiu em uma série de conflitos entre as nações europeias, motivados por rivalidades religiosas, dinásticas, territoriais e comerciais, decorrentes da Reforma Protestante. Ao mesmo tempo em que selou a separação entre Igreja e Estado, a guerra deixou um resultado de mais de 300 mil mortos nos campos de batalha, além de milhares de civis, em decorrência de doenças, da desnutrição, da ferocidade das tropas, dos grandes êxodos e deportações em massa.

A situação e o clamor dos pobres encontraram ressonância na vida e ação de Vicente e Luisa e os impeliu a assumir a radicalidade do amor evangélico por meio de uma ação afetiva e efetiva, reconhecendo no pobre o próprio Cristo a ser servido.

1.2 Vidas que provocam respostas, pela fé

Como chave de leitura para este tópico, é importante ressaltar que a vida e obra dos Fundadores precisa levar em conta que estes são ‘filhos do seu tempo’, de modo que eles não estão nem imunes, nem alheios às ambiguidades que caracterizaram seus contextos. Esta consideração é necessária, principalmente, do ponto de vista teológico-pastoral, e exige de quem se propõe a esta tarefa a disposição de releitura conjuntural da história da Igreja e da sociedade da época e sua necessária atualização.

Vicente de Paulo, de origem camponesa do sul da França, se torna padre ainda jovem. Como muitos de seu tempo, vê a carreira eclesiástica como status e uma forma de ajudar sua família a superar a pobreza em que viviam. Contudo, as experiências de seu ministério, particularmente, na proximidade de vida e de coração com os mais pobres, converteram radicalmente as motivações e as opções de sua missão. Homem de ação, detentor de uma aguçada capacidade de organização e mobilização, usou destes dons para articular uma grande rede de iniciativas voltadas à caridade, compreendida como o serviço corporal e espiritual dos pobres. Teve, também, uma atuação expressiva em iniciativas na reforma da Igreja, especialmente na organização de seminários, formação para o



clero e evangelização junto ao povo do campo, experiência que originou uma de suas fundações, a Congregação da Missão, também conhecida como dos “Padres Lazaristas”.

Luisa de Marillac, nascida na capital, Paris, e de família nobre, tem uma vida marcada por situações de profundo sofrimento. Privada desde cedo do convívio familiar, recebeu uma educação esmerada no convento de Poissy, junto a uma parenta religiosa. Desejosa de abraçar a Vida Religiosa, não pode fazê-lo em razão de sua constituição frágil. Assume o matrimônio, se torna mãe, ficando viúva ainda jovem. Detentora de uma personalidade singular, encontra no acompanhamento espiritual de Padre Vicente, e na colaboração nos projetos que este desenvolvia junto aos pobres, o caminho para partilhar e potencializar os dons com os quais Deus a dotou e ressignificar as marcas da dor. Sua espiritualidade profunda, bem como a inteligência e organização, foi fundamental para o crescimento e estruturação das bases do carisma.

Embora com origens e personalidades tão diferentes, Luisa e Vicente encontram um mesmo ponto de convergência: “*os pobres em Cristo e Cristo nos pobres!*” A essa opção radical de vivência do Evangelho consagraram suas vidas. Pouco a pouco, outras pessoas se encantaram com esse projeto de vida e se dispuseram a assumi-lo. Assim, em 1633, Luisa acolhe em sua casa as primeiras doze Filhas da Caridade, tendo como único desejo servir os pobres. Constituem uma novidade em uma época em que a Vida Religiosa se encontrava restrita às paredes das clausuras. Essa originalidade é expressa na *Carta Magna* da Companhia:

Considerarão que não se encontram numa religião (congregação), pois este estado não é conveniente aos trabalhos de sua vocação [...] não tendo por mosteiro senão as casas dos doentes e aquela em que reside a superiora; por cela um quarto de aluguel; por capela, a Igreja da paróquia; por claustro as ruas da cidade; por clausura, a obediência, não devendo ir senão à casa dos doentes ou aos lugares necessários para seu serviço; por grade, o temor de Deus; por véu, a santa modéstia e não fazendo qualquer profissão para garantir a própria vocação, mas por esta confiança contínua na divina Providência e pela oferenda que fazem de tudo o que são, e do próprio serviço, na pessoa dos pobres [...]. (Coste X, p. 661)

A memória das origens, expressa na intuição fundacional de que “*as Filhas da Caridade não são religiosas, mas pessoas que vão e vêm*”



*como seculares*⁶ é um convite para a Companhia atual reafirmar sua missionariedade na Igreja e na sociedade. Os Fundadores fizeram uma experiência única e peculiar do Espírito dentro das coordenadas históricas em que viveram e atuaram, cada um a partir de sua própria subjetividade. Desta experiência irrepetível brotou um estilo característico de ser cristão/ã: um Carisma. Como todo dom concedido pelo Espírito, além de capacitar e aperfeiçoar a pessoa, tem em vista o bem comum assumido e construído no horizonte do Reino.

2 Iluminação bíblico-teológica

Entre muitas, três referências bíblicas iluminam a experiência missionária dos Fundadores e, por conseguinte, a da Companhia. A primeira delas, presente em Êxodo 3, retrata o colóquio de Moisés com Javé na sarça ardente. Deus faz uma promessa de libertação para o povo a partir da constatação de sua realidade: “*Eu vi... ouvi... desci para libertá-lo!*” (v. 3ss). A missão vicentina nasce do olhar de fé dos Fundadores para o mundo dos/as mais desfavorecidos/as de seu tempo e da escuta que faz de seus clamores, o que leva Vicente a dizer: “*Os pobres, eu os vi!*”. Não se trata de uma mera observação e constatação da realidade, mas de uma profunda contemplação que brota do encontro com o Deus da libertação na vida e na condição dos/as mais espoliados/as da sociedade, e que, necessariamente, impulsiona a ação.

Nos Evangelhos, outras duas passagens remetem a dois acontecimentos paradigmáticos da história e do carisma, ambos vividos por Vicente de Paulo no ano de 1617. Estas referências bíblicas estiveram presentes no modo como a missão vicentina foi sendo construída e explicitada ao longo dos tempos. Na perspectiva de Lc 4, 16-19 – o anúncio do Reino feito por Jesus na sinagoga de Nazaré – é lembrado o sermão de Pe. Vicente na cidade de Folleville⁷, conclamando a comunidade a aproximar-se da misericórdia de Deus, e o clero ao cuidado pastoral do povo do campo. Na Palestina de Jesus, na França dos Fundadores, nos tempos atuais, há sede da “boa notícia”, de uma mensagem libertadora acompanhada de opções e gestos de cuidado e atenção integral ao ser humano, em suas pobreza materiais, humanas e espirituais. “*Essa po-*

⁶ Coste VIII, 327.

⁷ Este fato é tido como o Primeiro Sermão da Missão, ocorrido em 25 de janeiro de 1617. Oito anos depois, dá-se a fundação oficial da Congregação da Missão.



bre gente morre abandonada”, constata Vicente, ao mesmo tempo que o Evangelho o interpela a ser instrumento para a proclamação da “*boa nova aos pobres [...] e do ano da graça do Senhor.*” (v. 18b.19).

Por fim, a passagem de Mt 25, 31-42, pode ser relida a partir da experiência de Chatillôn Les Dombes⁸. A situação de toda uma família que estava doente e faminta, impele Vicente a motivar sua comunidade à ação. A pronta resposta do povo leva a duas constatações: a caridade existe, mas precisa ser organizada para que seja eficaz, permanente e transformadora. A vida ferida e ameaçada, representada na situação de miséria daquela família, e a constatação da dimensão que a solidariedade/caridade quando assumida pode tomar, fazem Vicente perceber que amar/servir não é tarefa ocasional, mas é imperativo missionário de quem se reconhece discípulo/a do Reino revelado e assumido em Jesus de Nazaré. “*Tudo que fizeres ao menor dos meus é a mim que o fazeis!*” (v. 40). O amor-serviço, gratuito e livre, é o grande testemunho a ser dado pelos/as cristãos/ãs.

No plano teológico, a missionariedade da Companhia está sintetizada nas suas Constituições e Estatutos. Uma primeira constatação é a identificação da Companhia como *missionária por natureza* (C. 25), expressão também presente no decreto *Ad Gentes* do Concílio Vaticano II, em referência à Igreja⁹. Isso implica reconhecer que a missão não é um adendo, algo exterior à vida eclesial e à Companhia, mas elemento entranhado em seu ser. É essa missionariedade identitária que fomenta na vida da Companhia a flexibilidade e mobilidade para responder aos apelos da Igreja diante de todas as formas de pobreza, o cultivo de uma espiritualidade missionária, a atenção à inculturação, o respeito às diferentes crenças e culturas, favorecendo o ecumenismo e o diálogo inter-religioso (E. 8f), bem como a abertura para a missão *ad gentes*.

A Constituição 8 traz o fundamento cristológico, afirmando que “*a regra da Filha da Caridade é Cristo*”, e seu seguimento se dá no modo como as Escrituras o revelam: “*Adorador do Pai, Servo de seu desígnio de Amor, Evangelizador dos Pobres*”. Assim, essa regra, entendida na perspectiva do mandamento e da aliança, é assumida como continuidade

⁸ Em Chatillôn Les Dombes dar-se-á a primeira fundação de Vicente de Paulo, as Confrarias da Caridade, formadas por damas da corte que se ocupavam do atendimento aos pobres e doentes. Atualmente, esta obra é identificada como Associação Internacional da Caridade (AIC), constituindo-se como um dos ramos da Família Vicentina.

⁹ Cf. AG 2.



da missão de Jesus, pela vivência total e radical dos conselhos evangélicos na comunidade, em vista da finalidade da Companhia: o serviço de Cristo nos pobres. Essa missão de Jesus Cristo é assumida como o anúncio do Reino do Pai e do projeto de vida plena que Ele tem para a humanidade, o qual ultrapassa as fronteiras da Companhia e da Igreja. Associado a isso, a Companhia participa pelo carisma que lhe é próprio na missão salvífica da Igreja (C.1). As diferentes frentes de atuação, nas quais a vida dos pobres é o critério de discernimento, são uma missão realizada como Igreja. Por isso, “[...] a Companhia mantém-se disponível e móvel para responder com criatividade e coragem aos apelos da Igreja e às urgências dos pobres, no respeito às culturas.” (C. 12d). Este princípio está fundamentado na eclesiologia desenvolvida pelo Vaticano II, que propõe a superação de um modelo eclesiocêntrico e institucionalista, e o reconhecimento de sua presença e atuação no mundo como sacramento histórico-salvífico do Reino.¹⁰

A fonte e a meta da missão desejada e vivida por Vicente e Luisa e vivenciada por tantas Filhas da Caridade, é o amor salvador do Pai, concretizado na caridade compassiva e operosa de seu Filho Jesus, *enviado para evangelizar e servir aos pobres* (cf. Lc 4, 18), e prolongado na vida de muitos seguidores, conhecidos como Família Vicentina¹¹, pela ação dinamizadora do Espírito Santo.

3 Experiências missionárias

No pensamento de Vicente e Luisa, a presença atuante junto aos pobres, na missão, tem duas dimensões inseparáveis: o serviço corporal e o espiritual. Ou seja, hoje, como sempre, é preciso haver a preocupação com a promoção humana e a evangelização. Neste sentido, o termo *missão* vincula-se à missão de Jesus de anunciar o evangelho (cf. Lc 10, 12): aí temos uma mensagem que liberta e humaniza, comprometendo com a construção do Reino de Deus. Vicente de Paulo afirmava que a eficácia da missão se comprova na caridade efetiva para com os pobres:

¹⁰ LG 5; 48.

¹¹ Entende-se por Família Vicentina o conjunto de congregações, organismos, movimentos, associações, grupos e pessoas que, de forma direta ou indireta, assumem o carisma vicentino, seja porque fundados diretamente por São Vicente de Paulo, ou por encontrarem nele a fonte de sua inspiração e dedicação ao serviço dos Pobres. Existem, atualmente, mais de 165 ramos, dos quais 23 estão presentes no Brasil.



Se houver alguém entre nós que pense estar na Missão para evangelizar os pobres e não para socorrê-los, para remediar suas necessidades espirituais e não as temporais, respondo que devemos assisti-los e fazê-lo [...] de todas as maneiras [...]. Fazer isso é evangelizar por palavras e obras e é o que há de mais perfeito. (SV XI, 393).

Na dinâmica da missão vicentina, caridade é uma atitude vital de quem vai ao encontro, humilde e respeitosamente, dos irmãos machucados pelas situações de abandono e esquecidos por uma sociedade que exclui e promove desigualdades. O mesmo Vicente expressa a consciência de que a

[...] caridade é, antes de tudo, dom de Deus, mas um dom que deve ser acolhido como compromisso e concretizado na livre doação de si mesmo aos irmãos mais pobres, com alegria, coragem, constância, e amor (S.V. IX, 592-594).

O amor dilata o coração, convertendo-se em gestos de cuidado e solidariedade, em iniciativas de promoção humana e empenho político, para tornar efetivo o evangelho. “*A Caridade de Jesus Crucificado nos impele*”, reza o lema presente no brasão da Companhia; “*A caridade é criativa até o infinito!*”, exorta novamente Vicente.

As iniciativas concretas assumidas pela Companhia nos diferentes espaços de incidência procuram ser eco desta criatividade da caridade. Entre estes, optou-se por destacar três experiências em níveis local/provincial, nacional e internacional, respectivamente.

3.1 Casa de Acolhida São José

Há algum tempo a Província de Curitiba¹² oferece assistência à população em situação de rua, principalmente nas regiões de Londrina e Maringá. No entanto, a partir de 2009, as Irmãs da Casa Provincial passaram a atender de forma continuada essa população. Em princípio, de forma improvisada e com pouca infraestrutura; posteriormente, o trabalho foi se estruturando. Em 2010 se adquiriu uma casa, a qual foi adequada para o atendimento dessa população. A casa passou a se chamar “Casa de Acolhida São José”, buscando desde o início dar um acompanhamento qualificado. Além de oferecer café da manhã, espaço para higiene pessoal

¹² Geograficamente, compreende os estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.



e lavanderia, as pessoas contam com o atendimento de uma assistente social, uma advogada e uma estagiária em serviço social.

A organização deste espaço tem por objetivo atender jovens, adultos, idosos e famílias que utilizam as ruas como espaço de moradia e/ou sobrevivência, no intuito de realizar a defesa de seus direitos, sempre respeitando suas escolhas, realizando encaminhamentos para tratamento à dependência química, emissão de documentos e participação em oficinas temáticas sobre convivência familiar, comunitária e preparação para o mundo do trabalho. Diariamente passam por esta casa cerca de 80 pessoas em situação de rua. O acompanhamento dos profissionais acontece de modo espontâneo, buscando emancipação social e econômica dessas pessoas.

Considerando a complexidade que envolve a realidade das pessoas que estão em situação de rua e os desafios de se ofertar um serviço que possa atender com efetividade esta população, na perspectiva da emancipação social e econômica, houve a iniciativa de buscar apoio, por meio de parcerias com entidades e instituições, que contribuem de alguma forma na melhoria dos serviços ofertados. Os atendimentos se desdobram em encaminhamentos para o acesso aos serviços ofertados pela Rede de Serviços Sócio Assistenciais de Proteção Básica e Proteção Especial, Serviços de Políticas Públicas Setoriais, Sociedade Civil Organizada e demais órgãos do Sistema de Garantia de Direitos. Para tanto, foi conquistado assento na qualidade de membro titular no Comitê de Acompanhamento e Monitoramento das Ações Concernentes à Política Nacional para População em Situação de Rua no âmbito do município de Curitiba, criado por meio do Decreto no 1226/2012. Concomitantemente, ao integrar o Grupo de Trabalho de Inclusão Social da População em Situação de Rua (GTIS), instituído em 2010, se realiza de forma continuada, permanente e planejada, assessoria técnica e política ao Movimento Nacional da População de Rua (MNPR), coordenação estadual do Paraná.

A missão da Casa de Acolhida também assume um perfil de evangelização, zelando pelo acompanhamento espiritual e religioso daqueles/as que a frequentam.



3.2 Missão Interprovincial em Rondônia

Em resposta ao Encontro Interprovincial de 2011¹³, que teve como tema: *“Na Amazônia, o Espírito revigora e Compromisso Missionário”*, as Irmãs representantes das seis províncias do Brasil perceberam a importância de formar comunidades missionárias interprovinciais para atender a missão na região da Amazônia, bem como em outras frentes missionárias.

Esta nova experiência missionária foi acolhida pela Província do Rio de Janeiro que ficou incumbida dos procedimentos necessários para sua efetivação (visita ao estado de Rondônia, diálogo com o bispo local, ...). Ao final deste mesmo ano, cada Província enviou os nomes das Irmãs que integrariam a nova experiência missionária, as quais foram reunidas no Rio de Janeiro no início de 2012 para convivência e formação missionária, partindo para Porto Velho, capital de Rondônia, em 30 de janeiro.

Na nova missão e juntamente com os Padres Vicentinos, que lá chegaram dias depois, as Irmãs participam de uma nova formação missionária organizada pelo regional Noroeste e pela Comissão Episcopal para a Amazônia. Isso lhes permitiu conhecer melhor a realidade social e eclesial onde estavam se inserindo. Constituiu-se, assim, a comunidade de missão “Santa Luisa de Marillac”, no município de Itapuã do Oeste, formada por três Irmãs de Províncias diferentes. Elas participam da Paróquia Nossa Senhora de Lourdes, a qual, juntamente com dois Padres Vicentinos, colaborou na fundação. A região possui 17 comunidades, localizadas ao longo dos rios e de estradas, sendo a população constituída de migrantes e ribeirinhos.

Observa-se no município um grande descaso por parte do governo, principalmente no que se refere à área educacional e a serviços de saúde. A educação é de péssima qualidade e existe um único posto de saúde para atender uma população de 15 mil habitantes. A falta de atendimento especializado e de saneamento básico contribui para o aparecimento de muitas epidemias de malária, dengue e viroses. Outro agravante é o grande índice de prostituição, principalmente infantil, crime organizado e desemprego. Por muito tempo, além deste descaso por parte dos

¹³ No Brasil, as Filhas da Caridade estão organizadas em 6 províncias (Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Recife, Fortaleza, Curitiba e Amazonas). A cada 3 anos são realizados encontros interprovinciais para estudo e deliberações conjuntas.



representantes políticos, a população também conviveu com a ausência de lideranças religiosas católicas.

Frente a essa realidade, em um primeiro momento e no intuito de conhecer a realidade, as Irmãs desempenharam sua missão com visitas domiciliares em comunidades, principalmente rurais, e assessoria às diversas pastorais. Procuraram ser presença atuante, buscando acessar as diversas políticas públicas para defesa dos direitos desta população, a fim de que esta seja protagonista da superação da situação alarmante em que vivem.

Foi constituída, também, a Comunidade de Missão São Vicente de Paulo no município de Rio Crespo, na Paróquia São Francisco de Assis. Esta cidade tem 13 comunidades rurais, todas distantes umas das outras, e um acampamento do Movimento Sem Terra, com 35 famílias, atendidos pelas Irmãs. Nesta região, a realidade social, econômica e política não difere muito da situação populacional de Itapuã do Oeste. Um diferencial é que 90% da população pertence a diversas denominações religiosas. Embora também seja um desafio, o diálogo ecumênico tem-se apresentando como uma possibilidade e, em pouco tempo, estão sendo colhidos os primeiros frutos da missão.

3.3 Missões *ad gentes* e presença das Filhas da Caridade nos países em situação de conflito

Neste constante movimento missionário, são retratados alguns indicativos da missão das Irmãs no mundo, coletados, especialmente, dos relatos feitos pela Superiora Geral em suas circulares, e a partilha das Irmãs missionárias.

Desde o princípio, os Fundadores tiveram o desejo de dar à Companhia um caráter missionário. Fruto deste anseio é o Núcleo de Missão na Casa Mãe, em Paris, local onde as Irmãs das diversas Províncias do mundo, ao expressarem o desejo de ir para as missões *ad gentes*, permanecem por um tempo para se prepararem, principalmente no que se refere ao conhecimento do local para onde serão enviadas. Da Província de Curitiba, um total de onze Irmãs da Província se encontram em missão *ad gentes* na África, América Central e na Casa Mãe.

Entre as muitas realidades de fronteira nas quais está inserida a Companhia, destaca-se a situação da Líbia, Nigéria e Camarões, e tantos outros países africanos onde as Filhas da Caridade estrangeiras e autóctones vivem em meio a situações de insegurança urbana, causada pelos intensos



conflitos políticos e perseguição religiosa, sobretudo da seita *Boko Haram*. Solidárias ao grande número de refugiados, juntam-se a eles para assisti-los, sendo outras vezes obrigadas a retornar temporariamente aos seus países de origem. Da mesma forma, as Irmãs na Ucrânia, especialmente na região da Criméia, convivem com situações de instabilidade política, derrubada do governo, violentos conflitos, guerra civil, crise econômica e o triste destino reservado aos emigrantes. No continente latino americano, destaca-se a recente Província do Caribe, que no desejo de servir melhor rompe as fronteiras geográficas e estabelece uma única Província entre 5 países. Diferentes contextos, diferentes interlocutores/as, mas um mesmo projeto na busca de tornar efetiva a caridade.

Provocações finais

Esta retomada da memória, das referências bíblico-teológicas e expressões da práxis permite olhar para a atualidade e identificar os desafios e as perspectivas presentes na caminhada. No âmbito interno, os desafios estão na necessária e urgente reconfiguração de obras, a média de idade elevada das Irmãs, juntamente com a diminuição das vocações. São elementos que interpelam a Companhia a rever suas estruturas em vista da fidelidade ao carisma fundacional. Associa-se a isso a atual conjuntura social, marcada pela indiferença e conformismo em relação aos dilemas do mundo dos pobres, aí vislumbrando-se uma carência de utopia e profecia. O contexto de pluralismo cultural e religioso, onde muitas vezes a fé se torna um fator mercadológico, impulsionado pelas próprias lideranças religiosas, e uma evangelização contextualizada, da comunhão e do diálogo, também se apresentam como desafios.

Da mesma forma, percebem-se muitos horizontes, situados, por exemplo, na capacitação e atuação de leigos/as comprometidos/as com o Reino a partir do carisma, na presença gratuita junto às juventudes, na atuação em colaboração com os organismos eclesiais e sociais, e no despertar para o resgate e a valorização da herança vicentina.

Em um mundo globalizado e plural, a presença e ação das Filhas da Caridade é chamada a manifestar a força transformadora do Reino. Com a Igreja e como Igreja que celebra os 50 anos do Vaticano II, a Companhia vive em 2015 seu processo de Assembleia Geral, tendo como lema “*A audácia da caridade para um novo elã missionário*”. Esse elã missionário se traduz, sobretudo, por um compromisso renovado com o serviço dos pobres.



Amemos a Deus, meus irmãos, amemos a Deus, mas que seja à custa de nossos braços, que seja com o suor de nossa fronte. Pois muitas vezes, os atos de amor de Deus, de complacência, de benevolência, e outros semelhantes afetos e práticas interiores de um coração amante, embora muito bons e desejáveis, resultam apesar de tudo muito suspeitos, quando não se chega à prática do amor efetivo [...] Não, não nos enganemos. (Coste XI, 733)¹⁴

Referências

A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulinas, 1985.

COMPANHIA DAS FILHAS DA CARIDADE DE SÃO VICENTE DE PAULO. *Constituições e Estatutos*. 2004.

CONCÍLIO VATICANO II. *Compêndio do Vaticano II*: constituições, decretos e declarações. Petrópolis: Vozes, 1968.

COSTE, P. *Obras Completas São Vicente De Paulo*. Conferências, correspondências, colóquios, documentos.

COLUCCIA, G. *Espiritualidad Vicenciana, Espiritualidad de la Accion*. Salamanca: CEME, 1979.

FLORES, M. P. *et al. Diccionario de Espiritualidad Vicenciana*. Salamanca: CEME, 1995.

FILHAS DA CARIDADE DE SÃO VICENTE DE PAULO – SITE OFICIAL. Disponível em: <<http://filles-de-la-charite.org/pt/home-2/>>. Acesso em 19 de novembro de 2014.

PROVÍNCIA DE CURITIBA – Documentos diversos.

Endereço das Autoras:

Província Brasileira da Congregação
das Irmãs Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo
Rua Padre José Joaquim Goral, 182
Abranches
82130-210 CURITIBA, PR

¹⁴ FERNANDEZ, C. in FLORES, M. P. *et al.* 1995, p. 488.